



O DISCURSO DO HUMOR ÁCIDO E POLÍTICAMENTE INCORRETO DE SOUTH PARK: SIGNIFICADOS EM TRANSFORMAÇÃO

Mateus Pranzetti Paul Gruda ¹

RESUMO: neste trabalho procedemos uma análise do discurso do humor cômico e escrachado do desenho animado South Park. Recorrendo a uma pesquisa bibliográfica sobre as características inerentes a este gênero da linguagem, procuramos demonstrar que, embora a comicidade na contemporaneidade esteja neutralizada e abrandada pelo humorismo *light* e politicamente correto, o discurso humorístico de nosso *corpus* de estudo está em sintonia com as características mais essenciais do mesmo (crítica, acidez, sarcasmo, caricatural, escatológico e grotesco). Para tal, tomaremos emprestado o conceito de discurso presente na Análise do Discurso de linha francesa. A análise específica será do episódio “The F Word”, no qual é apresentado um novo significado para o termo viado.

Palavras-chave: South Park; Humor; Discurso; Dicionário; Viado

ABSTRACT: in this work we will intend an analysis of South Park comic humor discourse. Research on the literature about the history of comic, we try to demonstrate that, though the contemporary humor is neutralized and slowed for a light and political correctness comic, the humor discourse of our study *corpus* is linked with essential features of the same (critical, acidity, sarcasm, eschatological and grotesque). For that, we consider the discourse like the french line of Analysis of Discourse conceptualizes. The specific point for analysis will be “The F Word” episode, which bring a new meaning for the fag word.

Keywords: South Park; Humor; Discourse; Dictionary; Fag

INTRODUÇÃO

A linguagem constitui o homem, possibilitando a construção, comunicação e propagação de significados, os quais decorrem diretamente dos diversos signos existentes. Os signos (palavras, sons, imagens, etc.) substituem e nomeiam aquilo que é captado pela percepção-cognição, materializando e simbolizando as coisas do mundo.

Tomando apontamentos de teóricos dos estudos lingüísticos temos que “[...] o signo, (...) é social por natureza [...] (SAUSSURE, 2000, p.25) e que “[...] somente a língua possibilita a sociedade.” (Beneviste, 1974, apud BLIKSTEIN, 1994, p. 42), portanto os sentidos propagados pela e na linguagem são concebidos e construídos socialmente. Contudo, há dúvidas quanto às significações pré-concebidas e naturalmente aceitas, o filme “Enigma de Kasper Hauser” de Werner Herzog nos leva a várias indagações quanto à representação do que é real pela linguagem. Blikstein (id., p.17) escreve

¹Mestrando em Psicologia na Faculdade de Ciências e Letras, UNESP-Assis. E-mail: mateusbeatle@hotmail.com



Conhecer o mundo pela linguagem, por signos lingüísticos, parece não bastar para dissolver o permanente mistério e a perplexidade do olhar de Kasper Hauser. Talvez porque a significação do mundo deve irromper antes mesmo da codificação lingüística com o que recortamos: os significados já vão sendo desenhados na própria percepção/cognição da realidade.

O discurso é uma forma articulada e estruturada da linguagem, pelo qual há a constituição dos sujeitos e da produção dos sentidos (ORLANDI, 1999), entretanto, para além da construção social, o discurso é impregnado pelas ideologias a qual está vinculado. Através deste, a significação do mundo irrompe *depois* da codificação e construção lingüística e, assim, a percepção-cognição se condiciona a realidade e as verdades previamente apresentadas. Barthes (1988, p.13) denunciou o efeito dominador da linguagem ao afirmar categoricamente que “toda a linguagem é fascista”, não exatamente por interditar, mas por “obrigar a dizer”, dentro do convencionalismo e de uma dada gramática da língua. Mas ele próprio, no mesmo texto, também reconhece que não há como viver fora da língua e que a alternativa possível para o sujeito é trapacear com ela, tal como fazem as artes, como a literatura e a poesia.

Neste artigo, pretendemos tomar o discurso cômico em sua verve escrachada, debochada e ácida, enquanto uma forma de trapaça lingüística, partindo também da premissa de que o humorismo, em sua essência, é “[...] uma forma de linguagem construída especialmente para a comunicação daquilo que se encontra vigiado e aprisionado no plano psicológico, social ou político.” (JUSTO, 2006, p. 108). Nosso objeto empírico, ou seja, o texto com o qual trabalharemos, é uma obra de arte considerada “menor” pela crítica artística, um desenho animado, South Park, criação de Trey Parker e Matt Stone.

Julgamos que o humorismo “Southparkiano” é capaz de trapacear com os mais diversos discursos, sejam estes hegemônicos ou contra-hegemônicos, justamente por visar o escracho e a ridicularização dos signos e significados pré-concebidos e naturalmente aceitos que estes produzem e propagam.

Como a linguagem “Southparkiana” é expressão do cômico, cabe, primeiramente, tecer algumas breves considerações sobre a gênese desse gênero da linguagem. Ao realizarmos um breve levantamento bibliográfico acerca do discurso produzido pelo humor (Arêas, 1990; Bergson, 1987; Justo, 2006; Lipovetsky, 2005; Minois, 2003) é notável que, desde os tempos



medievais, este detém um caráter de esbracho, contestatório, ácido, corrosivo, crítico, etc. podendo, inclusive, se converter em um dispositivo para reflexão acerca do mundo, do homem, do conhecimento, das crenças, da sociedade, etc.

Na contemporaneidade, o humor perde bastante de seu poder combativo em virtude do cinismo que o acomete (Birman, apud KUPERMANN, 2003), principalmente, por se tornar somente lúdico e por assumir o papel de objeto consumível e/ou de mediação do consumo, vide, como exemplos, a moda, as propagandas “engraçadinhas” (Lipovetsky, op.cit.), etc. O humor ácido, sarcástico, caricatural, escatológico e grotesco, dá lugar a um humorismo eufórico, divertido, *clean*, *light* e politicamente correto.

Entretanto, autores como Luiz Carlos Travaglia (1990, p.55, apud ARRUDA, 2005, p. 65) descrevem que ainda há no humor contemporâneo crítica, bem como, a utilização do código cômico/humorístico enquanto, segundo o citado autor

[...] uma arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico; uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão de mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios.

DESENVOLVIMENTO

Para desenvolvermos nossa análise e ratificarmos nossas premissas pegaremos um episódio específico da série animada, aquele intitulado “The F World” (em tradução livre, “A Palavra com V”). Em um primeiro momento descrevemos o desenrolar do enredo, para depois tecermos algumas considerações sobre o que foi apresentado.

A cidade de South Park está tomada por motoqueiros, os quais, por terem necessidade de chamar toda atenção possível, são extremamente barulhentos e irritantes, abalando a paz e o sossego de todos os habitantes. Aos poucos, a turma de motoqueiros é chamada por todos de “viados”. As crianças, Stan, Kyle, Eric Cartman e Kenny, protagonistas do desenho, armam um plano para se verem livre dos barulhentos de uma vez. Picham muros e placas da cidade com os dizeres: “dêem o fora, viados”. Um casal gay da cidade ao ver isto fica chocado.

Como testemunhas afirmam terem visto crianças com latas de spray, todos (a prefeita, a polícia, a direção da escola e os alunos) se reúnem no ginásio da escola para descobrir quem seriam os responsáveis pelas pichações, em tese, homofóbicas. Quando a diretora indaga quem



fez aquilo, os quatro protagonistas assumem o feito, demonstrando até orgulho da ação. O psicólogo da escola retruca indignado, além dos quatro não terem aprendido isto na escola, Stan e Kyle sempre foram tolerantes aos gays. Em seguida, as crianças corrigem que, de fato, não tem nada contra pessoas gays, diz Kyle “só porque alguém é gay, não quer dizer que seja um viado”.

Levados a um tribunal as crianças prosseguem a argumentação de que o termo viado não se refere aos gays, embora haja gays que também sejam viados. Um dos juízes pergunta “eu sou gay. Vocês pensam que eu sou viado?”, Stan retruca “você dirige uma grande e barulhenta Harley e sai pelas ruas atrapalhando a calma de todo mundo?”, “não.” responde o juiz, “então, você não é um viado” conclui o garoto. Outro juiz pergunta “e se um cara for gay e dirigir uma Harley?”, Cartman já cansado da discussão diz “É um gay viado. É tão difícil assim de entender?”.

Para encerrar a discussão, Stan propõe uma situação: “você está no trânsito esperando para virar à esquerda no farol, a luz amarela se acende e todos continuam passando, embora fosse sua vez, e quando o sinal fica vermelho uma BMW vara o farol e te impede de virar. O que viria a sua mente neste momento?” Após uma pequena pausa, um dos juízes diz: “viado”. E Stan completa “isso, mas você não pensa ‘ah, o cara é um homossexual’, pensa ‘que babaca desprezível’, tal como um motoqueiro barulhento.”

Assim, a prefeita decreta que, na cidade de South Park, a palavra “viado” faz referência a “irritantes e desprezíveis motoqueiros de Harley”. No entanto, no restante do país, o sentido no dicionário continua a versar que “viado” é uma forma pejorativa de se referir aos homossexuais. As crianças propõem então que tentem modificar oficialmente no dicionário o sentido da palavra “viado”. Após conseguirem, Stan olha em direção ao telespectador e diz: “hoje nós fizemos história”, para em seguida, ao final do episódio surja, em fundo preto e letras brancas, a “nova” definição:

Viado *adj.* **1.** Pessoa extremamente irritante e não ponderada, normalmente associada a motoqueiros de Harley. **2.** Pessoa que possui ou frequentemente dirige uma Harley.

Neste episódio, Parker e Stone discutem a mutabilidade possível de significado de um signo, contudo escolhem uma palavra politicamente incorreta. A época da exibição do episódio os sítios *Glamurama* e *A Capa*, ambos vinculados ao UOL, noticiaram que a “Aliança Gay & Lésbica Norte-Americana Contra Difamação” anunciou que processará a dupla (Parker e Stone) se eles continuarem a incluir nos episódios de South Park a palavra “fag” (bicha, viado), termo considerado pejorativo e homofóbico. “O fato é que essa palavra sugere ódio e é usada para



intimidar e violentar pessoas gays todos os dias neste país. O que os criadores de 'South Park' sugerem com o uso deste termo é que as pessoas cada vez mais o usem", diz parte do comunicado que a GLAAD enviou à imprensa. Neste caso, a própria GLAAD certamente não assistiu "The F Word", pois o mote, como vimos, é justamente que se alterasse o significado do termo, ao contrário, de reforçar o uso pejorativo do mesmo.

Ao longo do episódio, demonstram que os significados podem sim sofrer alterações, pois estão em constante movimento e se alterando com o tempo. A particularidade em South Park é de que miram em algo, teoricamente, fora de cogitação em ser discutido, o politicamente correto não aceitaria que um xingamento fosse transferido de um grupo para outro. No episódio, os próprios gays da cidade se unem para apoiar a troca de sentido, diz o líder deles em uma reunião: "a palavra 'viado' nunca desaparecerá, pois é divertido demais usá-la. Além disso, temos de admitir que já não somos os mais odiados do planeta, portanto auxiliemos para que viado descreva aqueles motoqueiros viados e irritantes".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Colocamos nosso objeto de estudo, South Park, como uma construção do cômico atual que, mesmo integrando a indústria cultural de massa, se afasta do cinismo e do esvaziamento de sentido tão em voga no contemporâneo, pois provoca abalos nos significados "verdadeiros" em circulação, tocando em assuntos e discussões tabus de forma altamente politicamente incorreta. O desenho animado não respeita ou se compromete com uma visão específica, aponta sua mira para todos os lados, atingindo liberais e conversadores, altruístas e aproveitadores, religiosos e ateus, etc. escrachando inclusive, por vezes, a si próprio.

Entretanto, curiosamente, Parker e Stone em entrevista recente (2010) afirmam preferir tirar sarro em seu desenho animado daquilo ou de quem é menos visado pelo humor, em um exemplo dado na mesma entrevista, citam que os democratas são um alvo muito mais divertido, pois muitos já satirizam e escracham os republicanos. Não que tenham predileção por qualquer um dos citados grupos políticos, apenas se divertem mais ao fazer piada com aqueles que alimentam menos o repertório dos comediantes e humoristas em geral. O próprio título da supracitada entrevista ratifica a condição de arma apontada para tudo e todos, bem como, do



descompromisso com um ou outro ponto de vista pré-determinado: *Trey Parker & Matt Stone Não São Seus Aliados Políticos (Independentemente Da Suas Convicções)* (em tradução livre).

De qualquer forma, o que melhor caracteriza South Park pode ser definido nas próprias palavras de Trey Parker noutra entrevista, concedida a Charlie Rose (apud, ARP, 2007, p.13, grifo nosso)

O que dizemos com o programa não é nada de novo, mas acho que é algo ótimo de se mostrar. É que as pessoas que estão gritando desse lado e as pessoas que estão gritando do outro são as mesmas pessoas e **não tem problema ser alguém que está no meio, rindo dos dois lados.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Capa. **GLAAD processará criadores de South Park por usarem o termo "bicha"**. Disponível em: <http://acapa.virgula.uol.com.br/site/noticia.asp?todos=1&codigo=9697>. Acesso em. 12 de jan. 2010.

ARÊAS, Vilma. **Iniciação à Comédia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

ARP, Robert (org.). **South Park e a filosofia**. São Paulo: Madras Editora, 2007.

ARRUDA, Ângela Maria Pelizer de. **O humor pós-moderno como crítica contemporânea: uma análise de contos de Moacyr Sciliar**. 2005. 179 f. Dissertação (Mestrado em Letras)- Universidade Estadual de Londrina, Paraná, 2005.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1988.

BERGSON, Henry. **O riso**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

BLIKSTEIN, Izidoro. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. São Paulo: Cultrix, 1983.

BERGSON, Henry. **O riso**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

Glamurama. **Notas 06/11/09**. Disponível em: http://glamurama.uol.com.br/Materia_alegre-35022.aspx. Acesso em. 12 de jan. 2010.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.

JOHNSON-WOODS, Toni. **Blame Canada!: South Park and Contemporary Culture**. New York: Continuum, 2007.



JUSTO, José Sterza. Humor, educação e pós-modernidade. In: ARANTES, Valéria Amorin. (Org.). **Humor e Alegria na Educação**. São Paulo: Summus, 2006. p. 103-112.

KUPERMANN, Daniel. **Ousar rir**: humor, criação e psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. A sociedade humorística. In: LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**. Barueri: Manole, 2005.

MINOIS, George. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Unesp, 2003.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso – Princípios & Procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PARKER, Trey e STONE, Matt. Matt Stone & Trey Parker Are Not Your Political Allies (No Matter What You Believe). **The Huffington Post**. Postado em 25 de Fev. de 2010. Entrevista concedida a Alex Leo. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/2010/02/25/matt-stone-trey-parker-ar_n_475744.html>. Acesso em: 05 de março. 2010.

PARKER, Trey e STONE, Matt. **South Park Guide To Life**. Pennsylvania: Running Press, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Ed. Cultrix, 2000.

THE F World. (2009). Criação de Matt Stone e Trey Parker. New York: Comedy Central. Disponível, em inglês, no próprio sítio oficial do desenho animado: <http://www.southparkstudios.com/episodes/251889>. Acesso em. 05 de março. 2010.

WEINSTOCK, Jeffrey Andrew (org.). **Taking South Park Seriously**. New York: State University of New York press, 2008.